



CURTOS-CIRCUITOS EMOCIONAIS

FELIPE MIRANDA *
ESTAGIÁRIO

Há 30 anos ela racionaliza o que a gente não consegue. O que dói demais, demora a passar e passa como um trem des-governado. Há três décadas ela escreve para ela sobre nós. Sobre ela para todo o mundo. Sobre tudo. De um jeito tão pessoal e direto que parecem reais as chances dela estar nos observando agora mesmo e criando sua próxima crônica de assustar. E assusta mesmo. Os recortes do cotidiano que Martha Medeiros faz são pontuais. Observações de uma sensibilidade ímpar sobre os problemas mais cabeludos, as felicidades mais simples e os sentimentos mais conflituosos. Um olhar atento e milhares de exemplares vendidos. Neste sábado, 28, uma das maiores cronistas de todos os tempos integra a programação da sétima Bienal Interna-

cional do Livro de Alagoas. Na ocasião, a gaúcha lançará seu mais recente livro, *Simple assim*, a partir das 19h, no Centro de Convenções. Ao **Caderno B**, ela falou sobre livros, inspirações e sucesso.

São mais de 20 livros lançados e centenas de colunas publicadas nos jornais O Globo e Zero Hora. Para ela, tudo é paulata, mas escrever sobre tudo não é uma necessidade. “Na verdade, eu não tenho opinião sobre muitas coisas e não me cobro por isso. Hoje me permito a indiferença, e isso é li-

bertador. Vale para a profissão e para a vida particular. Não fico ansiosa para me atualizar sobre tudo que se passa. Certas coisas não me interessam tanto e acabo me dedicando àquilo que me toca de forma mais pessoal. No fim das contas, o que acontece entre nossas quatro paredes é que é realmente significativo”, conta. Se tem gente mais embasada para tratar de assuntos como política e religião? Sim. Mas ela ainda se atreve a palpar sobre eles de vez em quando. “Só quando estou com a autoestima bem calibrada, para aguentar o revide”, ela ri.

Sobre reencontros, angústias, anseios, filmes que viu, livros que leu, sobre a vizinha e sobre Deus. Martha admite que o desespero bate à porta em certos dias. Sobre o

que ela vai escrever hoje? “Não sei mais de onde tirar assunto, quase enlouqueço. O fato é que o mundo não é original: corrupção, desastres ambientais, atentados, inflação, divórcios, nada disso é inédito. Então, o que me resta? Não ter medo de abordar o trivial, procurando dar uma visão pessoal sobre cada assunto, seja ele importante ou desimportante. Como diz a escritora Elizabeth Gilbert: ‘Tudo já foi feito, mas ainda não foi feito por você’. E se o grande volume de blogueiros, colunistas e cronistas escrevendo diariamente sobre tudo e todos não a assusta, existe uma razão para essa segurança. “Eu escrevo com muita honestidade e de um jeito que parece uma conversa, isso gera empatia, rompe o distanciamento. O que eu mais escuto é: ‘Martha, parece que você escreve diretamente pra mim ou parece que você lê meus pensamentos’. É o que mais percebo: proximidade, intimidade. Mas não sei como isso se deu, não adotei fórmulas, é o meu jeito de escrever e de ser – não existe diferença entre meu texto e minha vida”, revela.

Quando tudo começou, ela não pensava em passar mensagens para ninguém. Era apenas o gosto pelo ofício movendo-a. “Eu considerava um privilégio compartilhar meus pensamentos, nada além disso. É assim até hoje, mas agora percebo que esse meu olhar desestressado acabou virando uma marca do meu trabalho. Tudo bem. Foi sem querer, mas se isso, de certa forma, influencia os outros, que bom, é uma sintonia que se estabelece entre nós”.

É uma literatura que abre os nossos olhos,

faz com que aceitemos nós mesmos, consideremos outro ponto de vista. Nos faz crescer, pensar e refletir sobre o próximo. Nos diz que existe alguém que já passou pela mesma situação e seguiu em frente. Não é piegas, é acolhedor. Martha Medeiros construiu um público fiel e ansioso por suas próximas considerações sobre o universo. “O leitor é meu grande prêmio”, ela diz. E sobre o gênero que a consagrou, não há fórmula para dominá-lo. “Não se pode estabelecer minhas regras para outros cronistas, cada um encontra sua própria forma de expressão. Essa é, aliás, uma das características da crônica: ela é o gênero mais livre que há. Você pode ser realista, delirante, bem-humorado, azedo, acusador, poético, simples, prolixo, debochado... O texto do colunista é um raio-x do autor”.

E, apesar de seu texto ser sua vida e uma espécie de raio-x, os relacionamentos que aborda frequentemente não são apenas seus. “Escrevo sobre algumas experiências vividas e outras que não vivi, escrevo sobre experiências de amigos (sem identificá-los) e há muita coisa inventada também. É um mix de ingredientes que embaralho a fim de vislumbrar alguma saída, alguma explicação para os nossos curtos-circuitos emocionais”, afirma a escritora. Ela explica, mas não ensina. Se já é difícil aprender com os nossos erros, avalie com os deslizes alheios. “O propósito é consolar com o fato de

que todos nós nos atrapalhamos no amor e que o melhor que podemos fazer é evitar o drama, continuar insistindo e, de preferência, se divertir com nossas tentativas”.

O propósito é transmitir a vida em toda a sua totalidade. “Sou do tipo que acorda de manhã se sentindo grata e disposta a mais 24 horas de aventura. São as duas palavras que me definem: aventura e movimento. Muitos encaram essa palavra, aventura, com desconfiança, como se ela designasse irresponsabilidades, mas eu não vejo assim, acho que toda experiência é uma aventura, das menores às maiores”.

A escritora já esteve em Belém, Fortaleza, Natal, Recife, mas será sua primeira vez em Maceió. “Tenho até uma amiga homônima na cidade, a talentosa estilista Martha Medeiros, estivemos juntas recentemente num evento em São Paulo e nos divertimos muito com as histórias sobre pessoas que

timos muitos com as histórias sobre pessoas que nos confundem”, conta. De Maceió ela quer mais que sol e praia. “Choveu muito no Sul este ano, então estou merecendo ficar perto desse mar espetacular de vocês, dar uma caminhada, relaxar diante do visual lindo do Nordeste. Mas também quero dar um abraço nos leitores que vêm acompanhando meu trabalho há tanto tempo. Trocar ideias, conversar, me apresentar, rir e falar do meu novo livro”. Para a noite de hoje, mais que uma sessão de autógrafos e *talk show*. “Vai ter selfie também!”. ☺

Continua na página B2

* Sob supervisão da editoria de Cultura

Por aqui, na Bienal, a gaúcha lançará seu mais recente livro, *Simple assim*, a partir das 19h



CICERO RODRIGUES/REVILUÇÃO